

## Eu te amo, pai!

Minha atenção na estrada é interrompida pela voz do meu filho Pedro, que estava dormindo no banco traseiro do carro.

– Pai, falta muito para a gente chegar à Laguna? – sua voz é rouca.

– Não filho, estamos bem perto. Se quiser voltar a dormir posso te acordar quando chegarmos à balsa.

– Não, já dormi demais. Vamos mesmo passar no cemitério antes de ir à casa da vó? – pergunta, meio agoniado.

Ele não esqueceu, penso.

– Vamos sim. Quero orar um pouco no túmulo do teu avô. Hoje faz quinze anos que faleceu e há quatro não venho para o Farol de Santa Marta. – Pedro percebe minha voz embargada e diz:

– Nem conheci o vô, só sei que era meio rabugento. Verdade, pai? – com doze anos, a curiosidade e a vontade de buscar conhecimento já sinalizam como virtudes no meu filho.

As reminiscências do passado voltam a minha mente numa velocidade espantosa, não como lenitivo para amenizar boas e más lembranças do meu pai, mas para comprovar que está na hora do meu filho saber sobre como o avô viveu no período de convivência comigo.

Abaixo o volume do som do carro onde ouço The Wall, do eterno Pink Floyd. Olho no retrovisor e vejo Pedro atento ao que vou falar.

– Meu amor, seu avô Antônio, o Tonho, foi um grande pescador. Conhecia o mar como ninguém e era muito respeitado por todos na comunidade de pescadores do Farol. Sempre foi uma pessoa de falar muito pouco, quase nada, aliás. Durão, gritão, nervoso e com cara de poucos amigos. Passou boa parte da vida só. Pescaria e casa, casa e pescaria. Como o mais novo de cinco filhos e nasci quando ele já passava dos cinquenta anos, comigo ainda falava, quase nada, mas falava. Amava a pesca e conhecia a natureza como ninguém. Sabia quando ia dar rebojo.

– Rebojo? – Pedro questiona.

Percebo a placa na BR. 101 que sinaliza: Laguna, 10 km.

– Rebojo, filho, é quando o mar fica bravo e os pescadores não podem sair com os botes para a pesca. O teu avô sabia quando e onde os peixes estavam. Nas safras da tainha e da anchova era quem mais capturava os cardumes. Era fera, o velho Tonho era conhecedor da arte de pescar. Lembro-me que na infância ficava observando-o dentro do barco, arrumando as redes, observando o mar num demorado silêncio, como se o oceano o hipnotizasse. Hipnotiza mesmo, o mar é assim. Sabe filho, sempre tive medo, respeito, pelo seu avô. Quase não me aproximei dele na infância, apenas gostava de ficar olhando, ligado no que fazia, muitas vezes de longe, sem que percebesse a minha presença. Tinha medo de ouvir gritar comigo ou me bater, como constantemente fazia com meus irmãos e minha irmã. Não tinha carinho, não existia afeto dentro da nossa casa, filho, só medo, respeito e insegurança. Meus irmãos sofreram bem mais. Quando o pai começou a beber mesmo, foram os piores dias das nossas vidas dentro de casa.

Paro de falar por alguns instantes. Nunca consegui me recuperar de algumas lembranças dolorosas. Olho novamente pelo retrovisor e vejo a atenção do meu filho e o olhar aflito ao perceber a minha angústia.

– Mesmo assim, no fundo da alma, o admirava no meu silêncio. Minha infância foi assim, perto dele, mas, ao mesmo tempo, muito longe.

De repente, Pedro ri bem alto e me surpreendo.

– Ainda bem que nós dois não somos assim, né pai? Estamos sempre juntos...  
– Verdade, meu amor. O pai aprendeu muito com isso, de uma maneira diferente o vô me mostrou outro caminho.

– O vovô era alcoólatra?

A pergunta mexe comigo e fico quieto, como antigamente. Tento disfarçar dizendo que o trevo de acesso à laguna está na nossa frente. Com a atenção redobrada para entrar na cidade onde nasci, ganho alguns segundos para respirar e responder.

– Filho, cansei de ver a mãe apanhar quando seu avô chegava bêbado em casa. Meus manos também. Foi horrível esta época para todos nós. Sua avó foi a quem mais sofreu, apanhava na tentativa de nos defender. Começou a beber sem motivo ou, talvez, pela própria tristeza escondida na intimidade dele. Nunca nos disse por que fazia aquilo. Foram anos de sofrimento, de buscar ele caído na rua, de sentir a ausência dos amigos de canastra, de ficar com vergonha de ser filho dele. Sabe quando parou de beber, filho? No dia em que me viu chorando a limpar o sangue da boca da mãe. Pedi para parar de beber e ele veio em minha direção com o punho cerrado. Lembro que implorei para não me bater. Ele parou na minha frente e disse que nunca mais ia beber. Foi a primeira vez na vida que vi seu avô chorar enquanto eu tentava dormir na cama ao lado do quarto deles.

As lágrimas descem com a lembrança e como nunca disfarço os sentimentos na frente de quem amo, deixo Pedro observar o que sinto.

Somos alma gêmea e a minha emoção passa para ele.

– Eu te amo, pai! – sua voz transmite este sentimento.

– Eu também te amo, filho.

Atravessar a balsa foi e sempre será uma emoção pra mim. Parece o portal que se abre até o meu amado Farol de Santa Marta. Observamos em silêncio, fora do carro, alguns botos indo em direção ao mar aberto. O sol forte da manhã reflete no canal. O pescador dentro do bote lança a tarrafa. O outro está com a vara de pescar em cima da pedra, solitário. Olho para Pedro. Ele está radiante. Também ama este lugar.

Atravessamos o canal da barra e subimos para percorrer os doze quilômetros que nos separam do Farol de Santa Marta.

– Pedro, posso confessar algo? Sabe quantas vezes lembro-me de ter ouvido o pai dizer a frase “eu te amo” para algum membro da nossa família? – fiquei pensando no que Pedro disse antes de entrarmos na balsa.

– Quantas? – está curioso.

– Nenhuma vez, filho. Nunca ouvi o pai dizer “eu te amo” para mim, para a mãe ou irmãos. Parece que ele não conseguia, era estranho. Nunca esqueci isso, de sentir que nos amava, mas não conseguia dizer o que sentia. Sempre pensei nisso. Era o jeito de ele ser, Pedro, juro que era o jeito de ele ser. Mas algo dentro de mim dizia que precisava ouvir isso. Quando era pequeno, queria apenas um abraço. Não o culpo, embora já tenha sofrido muito com isso. Ele nunca iria dizer “eu te amo”, como nunca disse. Imagine eu na escola ouvindo os pais utilizando esta frase com seus filhos? Recordo que um dia, no meu aniversário de dez anos, cheguei do galpão de pesca para levar o café da manhã para ele. Sem mais, nem menos, seu Tonho desejou um “José Paulo, feliz aniversário” e disse que depois iria me dar um abraço. Fiquei na agonia o dia todo e nada de abraço, nada de abraço.

Quem sabe um “Eu te amo...”, penso.

Pedro me interrompe.

– Ele nunca te chamou de Paulinho?

– Não filho, era José Paulo. Quanto entrei na adolescência, os problemas de relacionamento com o jeito dele só complicaram ainda mais. Fui me revoltando, não

queria entender, não admitia ele bater na mãe e nossas brigas se tornaram quase que diárias. Algumas vezes disse que o odiava enquanto ficava em silêncio, só me ouvindo. Meus irmãos já haviam constituído suas famílias e só nós três ficávamos em casa. À noite, normalmente, saía para não ficar e assistir as brigas. Até que um dia, filho, com meus dezesseis anos, brigamos fisicamente e agredi meu pai com uma raiva animal. Claro que pedi desculpa depois, arrependido, mas a partir daquele dia nunca mais nos falamos. Resolvi vir para a casa da mana em São Paulo, tentei esquecer o Farol por longos anos de estudo e crescimento pessoal até o dia em que recebi a notícia da morte do pai, do pescador Antônio.

– Pai, isso eu sabia! – diz na tentativa de me ajudar a recuperar a respiração angustiada e travada. – A mãe contou a sua história de não ter falado com o vô até a morte dele! – a voz era de consolo.

Recomponho-me e prossigo.

– Pedro, meu maior aprendizado nisso tudo é o de sempre, sempre filho, nunca esqueça isso! Sempre devemos dizer “eu te amo” para as pessoas que mais amamos e que convivem conosco. Devemos abraçar, beijar e falar o que sentimos por eles, todo o dia, todo o dia, todo o dia! Não existe dor maior para o ser humano do que perder uma pessoa amada e não ter expressado o seu verdadeiro sentimento para ela. Como aconteceu comigo. Machuca muito. Senti isso muito forte porque fiquei muitos anos sem conversar com seu avô. Isso não cicatriza meu amor, não cicatriza!

Faço um sinal com a cabeça para que Pedro observe, através da janela do carro, o Farol de Santa Marta. Estamos chegando ao Canto da Lagoa e piso mais fundo no acelerador para chegar rapidamente a este lindo e aconchegante lugar.

Paro para observarmos o mar da Praia do Cardoso. Ele está calmo e com a água num azul escuro bem cintilante. Pedro sorri porque ama o mar, ama o surf, ama a natureza.

Ligo o carro e partimos em direção ao cemitério, que fica ao lado do Farol, aos fundos da linda e antiga Capela.

A última vez em que estive no Farol foi há quatro anos, no mesmo dia do ano, no aniversário do pai. Pedro vem ao meu lado e segura a minha mão. Vamos direto para o túmulo, limpo e impecável, como minha mãe sempre o deixa. Ela amou meu pai da maneira dela.

Observo Pedro, que só estive aqui quando tinha três, quatro anos. Ele acaricia a foto do avô como se já o conhecesse. Tive a certeza de que agora sim, conhecia. O silêncio toma conta da gente por longos minutos, até que digo:

– Eu te amo, pai!

– Eu te amo, vô – fala Pedro.

Olhamo-nos e resolvemos descer o morro para ir à casa da minha mãe, dona Luzia ou a Luzia do Tonho, como é ainda conhecida no Farol.

## **FICHA DE INSCRIÇÃO**

Título da obra: Eu te amo, pai!

Idade: 55

Nome: José Henrique de Souza

Pseudônimo: Baixinho

Profissão: Jornalista

RG: 184055      CPF: 475 544 019-04

E-mail: professorhenrique47@gmail.com

Telefone: 48 3626 8059 – 9 91295654

Endereço: estrada geral do Farol de Santa Marta

Bairro: Farol      CEP: 88790-000

Cidade: Laguna UF: SC

Declaro que li e aceito as exigências contidas no Edital do concurso literário nº 01/2018 da Secretaria de Educação e Esportes de Laguna. Declaro também ser de minha própria autoria o conto submetido para seleção.

Laguna: 15 , de julho de 2018

**Laguna: 16 de julho de 2018**

---

**Nome e assinatura**